

**CARTA DE SÃO PAULO:
POR UMA DEMOCRACIA SOCIALISTA COLORIDA**

Nós militantes Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis- LGBTs da DS, inseridos nos mais diversos espaços da luta política, e diante da ofensiva conservadora e neoliberal decorrente do golpe em curso no nosso país, vimos apresentar ao conjunto da delegação presente na XII Conferência Nacional da Democracia Socialista, os nossos desafios e perspectivas para o próximo período.

Considerando,

Que os avanços conquistados nos governos do PT, são alvo da agenda de retrocessos imposta pelo governo golpista e neoliberal, atingindo de forma mais contundente as mulheres, os negros e negras e a população LGBT, que tem negada o pleno exercício da sua cidadania.

Que o Partido dos Trabalhadores, percebendo o desafio colocado, dá um passo importante para organização da militância LGBT, criando a Secretaria Nacional LGBT, dessa forma, dando mais visibilidade as questões de diversidade sexual e identidades de gênero, e incorporando as demandas na sua agenda política.

Que a Democracia Socialista é partícipe desse processo de construção das secretarias estaduais e nacional LGBT do PT, e que ao mesmo tempo, tem protagonizado as lutas de resistência nos mais diversos espaços políticos a partir da atuação firme de sua militância.

Que esse processo tem acontecido com limitações organizativas em virtude de ainda existir uma dispersão interna da militância que tem dificuldades à construção de uma agenda unitária de intervenção na disputa de valores posta na sociedade.

Que a vulnerabilidade da população LGBT imposta pelo capital numa sociedade heteronormativa e patriarcal acentua as mais diversas violências (psicológica, institucional e física), negando os direitos civis e sociais mais elementares a exemplo da saúde, educação, trabalho e constituição familiar.

Que segundo pesquisa realizada em 2009, pela Fundação Perseu Abramo, sobre o preconceito que a população brasileira tem em relação à comunidade LGBT, 92% das pessoas entrevistadas reconheceram este preconceito e 45% apresentaram preconceito velado em relação ao grupo e que a cada 25 horas uma pessoa LGBT é assassinada vítima de LGBTcídio.

Essas considerações apontam a necessidade de fazermos a disputa política na sociedade, pois à medida que as demais contradições se acumulam, não deixa alternativas à militância revolucionária, a não ser fazer o contraponto à altura, com a formulação necessária para a devida inclusão da temática LGBT no programa revolucionário socialista e democrático da classe trabalhadora.

Nesse sentido estão colocados desafios organizativos e políticos para nossa atuação enquanto militantes da tendência, tais quais: a participação das pessoas LGBTs da DS na militância do setorial; a construção de um coletivo LGBT da DS, que possibilite a inserção da nossa política para o conjunto do partido, dos movimentos sociais e da sociedade em geral; fortalecer a Kizomba Arco-Íris contribuindo com a transição da militância LGBT da DS; participar ativamente da elaboração dos programas de governo, dos mandatos parlamentares e das políticas públicas; a realização do ativo nacional LGBT da DS que atenda a demanda de formação, formulação e elaboração de uma síntese que oriente a construção de uma agenda política em torno dos direitos humanos LGBT para incorporação no nosso programa de transição socialista e revolucionário.

São Paulo, 03 de dezembro de 2017.